

■ Folha de S. Paulo x Falha de S. Paulo

Além de censurar a “Falha de S. Paulo”, o jornal *Folha de S. Paulo* acusou o blog de estar a serviço do Partido dos Trabalhadores (PT). Otávio Frias Filho, dono da *Folha*, ainda disse em nota assinada por ele, que seu jornal não compareceria à audiência pública sobre a censura que estão promovendo. Segundo ele, este assunto já está “superado”. Superado para quem? O blog “Falha de S. Paulo” é uma paródia do jornal *Folha de S. Paulo*, e está sofrendo um processo por isso. A *Folha* alega que o leitor poderia se confundir devido à semelhança do logo e do design de ambas as páginas. No entanto, uma sentença proferida pelo juiz Gustavo Coube de Carvalho é clara ao dizer que “nem mesmo um ‘tolo apressado’ seria levado a crer tratar-se de página de qualquer forma vinculada oficialmente ao jornal da autora, pois a paródia, anunciada pelo nome de domínio, é reiterada pelo conteúdo do website”. Vale lembrar que paródia não é o mesmo que plá-

gio. Na paródia há uma intenção clara de homenagem, crítica ou de sátira; não existe a intenção de enganar o leitor ou o espectador quanto à identidade do autor da obra. Talvez Otávio Frias não tenha gostado da “brincadeira”, mas como dizem os autores da Falha de S. Paulo, “quem não deve, não teme”. Um caso semelhante aconteceu recentemente entre as emissoras Globo e Record. A Globo acusava o humorista Tom Cavalcante de parodiar seus programas, imagens ou vozes de seus apresentadores. Mas como paródia não é crime, o juiz entendeu que “... impedir que a ré continue a fazer paródias em seus programas humorísticos significa não apenas violar norma especial expressa (artigo 47 da lei 9.610/98), como também incorrer em manifesto ato de censura e violação a um dos mais importantes bens do ser humano: o direito de se expressar de forma livre”. Melhor assim.

■ Morte de Steve Jobs opõe movimentos na web

A morte de Steve Jobs, milionário estadunidense famoso por ter comandado uma das empresas mais valiosas do mundo, a Apple (sim, aquela por trás do iPad, iPod, iPhone, iTunes, Macbook e outros), causou uma já esperada comoção mundial: imediatamente, centenas de pessoas compartilharam as notícias via redes sociais, lamentando a morte do ídolo e lembrando a revolução tecnológica que ele causou com seus inventos que conquistaram o público e abocanharam um gigantesco pedaço do mercado de telefones, reprodutores de mp3, computadores, etc. Os jornais do dia seguinte estampavam sua foto na capa e exaltavam uma imagem de gênio.

Do outro lado da corrente, alguns optaram por fazer análises menos apaixonadas e mais realistas do “deus” da tecnologia. Em artigo publicado no suplemento “Link” do jornal *Estado de S. Paulo*, o editor Alexandre Matias lembra o conservadorismo que marcava a política da Apple em relação aos direitos de uso dos seus produtos. Os aparelhos da Apple só funcionam com peças fabricadas especificamente para eles, lembra o editor. Outro grupo de não-discípulos de Jobs critica a comoção gerada em torno da morte dele enquanto milhares morrem de fome todos os dias sem que uma lágrima seja derramada. Práticos e modernos, os brinquedinhos da Apple são objetos tidos como indispensáveis para milhões de pessoas – inclusive algumas daquelas que se mobilizam pelo fim da fome na África.

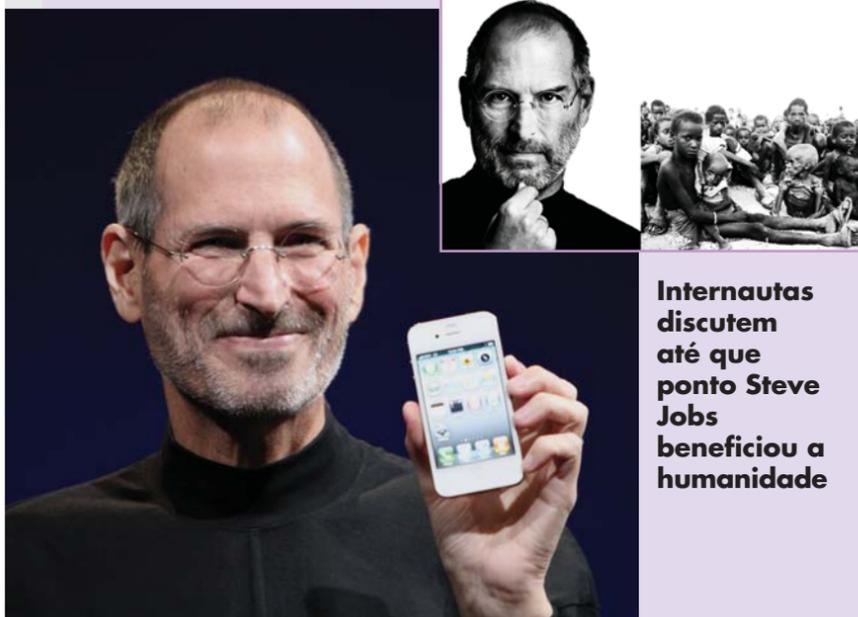
seja, de acordo com o grupo, a presença de um albergue aumentará a criminalidade. O promotor Maurício Antonio Ribeiro Lopes indeferiu o pedido, alegando que “é de provocar inveja a qualquer higienista social do Terceiro Reich a demonstração de tal insensibilidade. A ideia – ou que ocupa o que deveria ser o seu lugar – associando pobreza e criminalidade e violência não tem guarida teórica e ética”. Ele não só indeferiu o pedido como enviou seis nomes de signatários à Delegacia de Polícia Especializada em Crimes Raciais de Delitos de Intolerância (Decradi).

■ Lixo hospitalar chega ilegalmente para a confecção de roupas em PE

Como se já não bastassem os filmes, roupas, brinquedos, eletrodomésticos e uma infinidade de mercadorias vindas dos States, até o lixo hospitalar é importado. Ao que tudo indica, a empresa Império dos Forros, em Pernambuco, utiliza tecidos de resíduos hospitalares para a fabricação de bolsos de calças jeans, camisetas e até lençóis de hotéis. Boa parte dos tecidos, vendidos a R\$10 o quilo, já vêm “estreados” com manchas, aparentemente de sangue, e até com a logomarca dos hospitais de origem. O Ministério Público Federal requisitou à Polícia Federal a abertura de um inquérito para a investigação do caso. Enquanto isso, o governador de Pernambuco, Eduardo Campos, tenta tranquilizar a população alegando que a confecção de roupas com esse tipo de material não oferece riscos de contaminação, uma vez que passam por um processo de lavagem. Segundo ele, foram consultados médicos, técnicos e infectologistas acerca da questão.

No entanto, mesmo que as pessoas não corram risco de contraírem doenças utilizando peças de origem duvidosa, os trabalhadores, que provavelmente as manusearam sem luvas durante o processo de fabricação, foram expostos indiscriminadamente a uma sorte de doenças infecciosas. Essa não é a primeira vez que há negligência com o lixo hospitalar. Um caso emblemático, por exemplo, aconteceu em 1994, quando uma catadora de lixo e seu filho comeram uma mama amputada, descartada em um lixão de Olinda (PE).

© Matt Yobe



Reprodução

■ São Paulo sofre com mais uma síndrome de higienização

Um novo caso de moradores de classe média alta de São Paulo colocando-se contra uma medida que supostamente trará aumento de criminalidade, semelhante àquele que ocorreu em Higienópolis em maio deste ano, chamou a atenção da mídia. Desta vez, o bairro é Pinheiros, na Zona Oeste da capital paulista. A “ameaça”, segundo os 1.104 moradores e comerciantes que se mobiliaram por meio de uma representação, é um albergue que, na verdade, já existe: está na rua Cardeal Arcoverde, a apenas um quilômetro do local para onde a prefeitura paulistana quer transferi-lo, na mesma rua.

Os signatários dizem que “o comércio possivelmente não vai sobreviver uma vez que a população local será acuada em suas residências e os visitantes de outros bairros vão nos trocar por outros centros comerciais mais tranquilos e seguros”. Ou



Reprodução



Reprodução

Intercâmbio de peças contaminadas